

O segundo pós-guerra visitado a partir de dois poemas cecilianos

La segunda posguerra visitada desde dos poemas cecilianos

Polyanna Riná Santos

Aluna do 6º período do curso de Letras (Licenciatura em Língua Portuguesa e Língua Espanhola) do IF Sudeste MG, Campus São João del-Rei.

Professora orientadora: Ozana Aparecida do Sacramento.

E-mail: prinas@outlook.com

Resumo: O presente artigo busca fazer um estudo sobre o período pós-segunda guerra dentro da Literatura Brasileira, tendo por base algumas reflexões acerca de dois poemas de Cecília Meireles: “Noturno - Oito” e “Desejo de regresso”. Para tanto, intentará situar e explicar tal momento literário, para adentrar nos trabalhos de Cecília e, assim, posteriormente, apontar possíveis relevâncias disso na nossa Literatura.

Palavras-chave: Escrita. Sentimentos. Simbolismos. Realidade.

Resumen: En este artículo se pretende realizar un estudio del período posterior a la guerra en la Literatura Brasileña, con ayuda de algunas reflexiones sobre dos poemas de Cecilia Meireles: “Noturno - Oito” y “Desejo de regresso”. Se tratará de situar y explicar este momento literario, se entrará en la obra de Cecilia y después, se señalará la relevancia de eso para nuestra Literatura.

Palabras-clave: Escritura. Sentimientos. Simbolismos. Realidad.

1 Considerações iniciais

Cecília Meireles (1901-1964) teve a vida marcada por perdas, conquistas, viagens e amores. Aprendeu, de forma peculiar, a lidar com essas relações e a criar entendimentos entre os opostos, como histórico e moderno; real e ilusório, entre outros – o que ecoou na sua escrita poética.

No campo da Literatura Brasileira, Meireles manteve contato com momentos importantes da nossa história literária. No início de sua carreira, em meados de 1920, Cecília aproximou-se do grupo de Festa, dirigido por Tarso da Silveira (BOSI, 2006, p. 492).

Por volta das décadas de 30 e 40, ela fez parte da segunda geração de autores do Modernismo brasileiro, o também chamado “neossimbolismo modernista” ou período pós-guerra (BOSI, 2006, p. 285). Nessa época, essa poetisa conseguiu colocar mais musicalidade e subjetividade em suas obras – instante em que encontrou e firmou a sua identidade de escrita.

Em 45, ano em que chegava ao fim a Segunda Guerra Mundial, o livro *Mar Absoluto* foi publicado. Nessa obra, a voz poética buscou abordar temas referentes aos

sentimentos vividos nesse turbilhão de ideias e realidades, tendo por base os movimentos do oceano e os simbolismos possíveis, advindos de tal temática.

Já em 1952, *Doze Noturnos de Holanda*, outra obra também de Meireles, foi publicada. Nela, questões sobre o “Território do indefinido” e o apelo da noite como “[...] manifestações de tudo aquilo que não poderia vir à tona durante o dia”, acrescentam mais um ponto de vista da realidade à escrita cecilianiana, questionando o viver e certas imagens (SCARDINO, 2011, p. 290).

A nosso ver, em tais obras, dois poemas merecem destaque, respectivamente: “Desejo de Regresso” e “Noturno – Oito”, os quais retratam os medos e anseios do mundo pós-segunda guerra, com toques de delicadeza, simbolismos e espiritualidade.

Conforme Cristóvão (2007, p. 61), Cecília elabora uma poesia calcada na

[...] disciplina de fatos concretos com uma espantosa liberdade de expressão, dissolvendo-se essa quase contradição, quando tal procedimento poético é observado à luz dos processos de transformação e das sucessivas depurações da palavra e conteúdo. Daí, o simbolismo especial do fluido [...] e do absoluto que se relativiza.

Podemos dizer que, no Brasil, esse período tem grande relevância para a Literatura, pois representou uma ruptura da maneira de se escrever. Foi o momento em que a mudança de perspectivas sociais e acontecimentos não só no país, mas também no mundo, refletiram nas concepções de escrita e a necessidade de expor isso, sob o enfoque brasileiro, ficou manifesta.

Diante disso, torna-se oportuno situar e explicar o momento literário do pós-segunda guerra brasileiro, para se adentrar nos trabalhos de Cecília e, assim, posteriormente, apontar possíveis relevâncias disso na afirmação não só da identidade poética de Meireles, mas também, principalmente, da nossa Literatura.

2 O período pós-segunda guerra

O período pós-segunda guerra, dentro da Literatura Brasileira, também chamado de 2ª fase do modernismo ou fase de consolidação desse movimento, pode ser tido, cronologicamente, como os anos próximos e seguintes ao fim da Segunda Guerra Mundial, ocorrida de 1939 a 1945.

Segundo Faria (2007, p. 388), até 1930, as “[...] ideias produzidas no país não tinham qualquer relação com a sua realidade. [...] os intelectuais [...] viviam encantados com a mera aparência dos discursos europeus, em estado de permanente ilusão”.

Com a geração de 45, uma nova perspectiva para os autores surgiu: a escrita mais próxima da realidade. Isso ficou tão claro para os autores dessa época que, conforme Fusco (*apud* FARIA, 2007, p. 388), a ideia principal era: “[...] fale qualquer coisa, mas fale sobre a realidade [...]”.

Percebemos, com esse trecho, que escrever sobre os acontecimentos reais e na visão dos brasileiros era um convite para o trabalho literário, e não era só questão de conformismo com o novo padrão ou mera tendência de escrita. Era, sim, a necessidade de representar as vivências, o que acontecia concretamente.

Para reforçar o que foi dito, Faria diz que “àqueles que, por alguma razão, não pudessem ter seu discurso recoberto por esta rede conceitual estava reservado o espaço da alienação” (2007, p. 398), ou seja, não eram tidos como conscientes do que se passava aos seus redores.

Na verdade, Candido (2006, p. 124) fala que “desde o tempo da Primeira Guerra Mundial vinha-se esboçando aqui um fermento de renovação literária”. Esse intento se deu, mais fortemente, com o emprego de Espiritualismo e Simbolismo aos textos. Tendências estas presentes nas obras de Cecília Meireles, pois exprimem subjetividade e liberdade de interpretação aos leitores.

Embora tais características já fossem presentes em 1920, foi com os escritores do “Neossimbolismo” que uma ruptura de paradigmas ocorreu. Os autores desse movimento buscavam escrever sobre temas que questionavam os leitores sobre “[...] o destino do homem e, sobretudo, do homem brasileiro”. Havia “[...] o culto do pitoresco nacional, o estabelecimento de uma expressão inserida na herança europeia e de uma literatura que exprimisse a sociedade” (CANDIDO, 2006, p. 126).

Candido (2006, p. 133) afirma que,

depois de 1940, ou pouco antes, vamos percebendo a constituição de um período novo. Nos dois decênios de 1920 e 1930, assistimos o admirável esforço de construir uma literatura universalmente válida, por meio de uma intransigente fidelidade ao local. A partir de 1940, mais ou menos, assistiremos, ao lado disso, a um certo repúdio do local, reputado apenas pitoresco e extraliterário; e um novo anseio generalizador, procurando fazer da expressão literária um problema de inteligência formal e de pesquisa interior.

No período pós-segunda guerra, no dizer de Candido, o olhar se desvia da cor local, sem, no entanto, abandoná-la de todo. Uma carga de atenção, nesse momento, é dirigida ao que vai no íntimo do homem brasileiro. Os textos que, antes, eram baseados em modelos europeus, ilusões ou ideias estrangeiras, agora, apresentavam-se com algo nosso, sob o ponto de vista concreto. Havia a generalização de anseios, como dito no trecho de Candido, mas a expressividade de sentimentos, simbolismos e busca pela identidade eram patentes.

3 “Desejo de Regresso” e “Noturno – Oito”

“Desejo de Regresso” e “Noturno – Oito” são dois poemas que, embora estejam em livros distintos, *Mar Absoluto* e *Doze Noturnos da Holanda*, respectivamente, de Cecília Meireles, abordam temas parecidos. Como já dito anteriormente, os sujeitos-líricos encontrados nessas obras se transmutam e destacam os sentimentos vividos no período pós-segunda guerra, pela visão de uma escritora brasileira – que conhecia o mundo e buscava escrever sobre ele (a reprodução dos poemas na íntegra se encontra nos anexos A e B).

Nos livros em questão, são corriqueiros os usos de simbolismos, mas, principalmente, há o emprego de reflexões sobre os anseios que se apresentavam àquele momento.

No primeiro poema, “Desejo de regresso” (MEIRELES, 2001, p. 65), o eu-lírico ceciliano mostra o anseio de retorno à terra natal, daquele que saiu da sua pátria para um exílio. Aqui, a voz poética clama até por nascer de novo, para ter a oportunidade de estar mais uma vez com o seu povo e o seu clima. Deseja, assim, sair da terra estranha e fria, para o aconchego familiar. Um exemplo disso são os versos iniciais desse poema:

Deixai-me nascer de novo,
nunca mais em terra estranha,
mas no meio do meu povo,
com meu céu, minha montanha,
meu mar e minha família.

E que na minha memória
fique esta vida bem viva,
para contar minha história
de mendiga e de cativa
e meus suspiros de exílio.

Neles, verificamos a vontade de se manter são, com a mente viva e em dia, para poder contar os relatos, suspiros e pormenores desse exílio.

Entendemos que, a princípio, forma-se a imagem de um soldado, que se viu obrigado a participar da Guerra e almeja, com muita vontade, o seu regresso – o que é claramente percebido, durante o período das Guerras Mundiais, inclusive no Brasil, já que tivemos envolvimento militar nesses eventos.

Por outro lado, não podemos deixar de considerar a possível representação das pessoas que viram as suas cidades sendo invadidas ou bombardeadas, bem como as que tiveram que abandonar os seus lares, seja por perseguições ou prisões, seja por fugas. Logo, constatamos que o exílio empregado ganha maior alcance, pois não se aplica só aos soldados, mas também e, principalmente, aos indivíduos citados.

Observemos os seguintes versos (MEIRELES, 2001, p. 65):

Porque há doçura e beleza
na amargura atravessada,
e eu quero memória acesa
depois da angústia apagada.

Com que afeição me remiro!

Marinheiro de regresso
com seu barco posto a fundo,
às vezes quase me esqueço
que foi verdade este mundo.
(Ou talvez fosse mentira...)

Neles, vemos o sofrimento de quem não está em um lugar que deseja estar, mas sim em algo imposto. Existe o desejo pela “memória acesa”, em contrapartida pela

“angústia apagada”. O lirismo mostra a certeza da afeição que possui por todas as suas vivências. Ele, também, nos faz refletir que, embora a amargura seja atravessada, é doce, bela e serve de aprendizado. Assim, revela a vontade de só esquecer a angústia que teve, mas não a lembrança das dores ou sofrimentos.

Além disso, na esperança de retornar, a voz poética parece não ter mais noção do que passa ao seu redor, o então marinheiro (de regresso) não sabe identificar se o que vive é verdade ou se o que viveu é mentira. A Guerra mostra, aqui, os seus ecos. O lirismo não consegue “acreditar” no que presencia ou presenciou. Sofre, ao ponto de duvidar da existência de tais fatos, que possivelmente foram graves e fortes.

Já o segundo poema, “Noturno - Oito”, nos remete à ideia de alguém que se encontra adormecido, em uma noite, em meio a devaneios. A voz poética, na escuridão, está sozinha e inquieta, pensa e questiona a realidade que se faz presente. Indaga sobre si e sobre o mundo, na esperança de ser ouvida e receber respostas. Assim, pergunta acerca de valores, fala sobre o viver e expõe alguns sentimentos e necessidades do novo mundo, que surgiam logo após a eclosão da Segunda Guerra Mundial. Vejamos (MEIRELES, 2001, p. 718):

Quem tem coragem de perguntar, na noite imensa?
E que valem as árvores, as casas, a chuva, o pequeno transeunte?

Que vale o pensamento humano,
esforçado e vencido,
na turbulência das horas?

Que valem a conversa apenas murmurada,
a erma ternura, os delicados adeuses?

Que valem as pálpebras da tímida esperança,
orvalhadas de trêmulo sal?

O sangue e a lágrima são pequenos cristais sutis,
no profundo diagrama.

E o homem tão inutilmente pensante e pensado
só tem a tristeza para distingui-lo.

Nesses versos, mais que dizeres poéticos, temos a instigação pelo/sobre o pensar e agir do ser humano dentro do “profundo diagrama”: a vida. No entanto, não podemos esquecer do recorte que fazemos, neste artigo, sobre a demonstração da realidade do período de uma Guerra Mundial, pelo olhar de uma escritora brasileira.

O poema é iniciado, de forma peculiar, com um desafio, cuja resolução cabe ao receptor dele. Para tanto, o lirismo usa o coloquialismo para criar relativizações de conceitos e ideias, como: quem tem coragem de perguntar? Ou o que vale a pena? Com isso, utiliza-se de imagens sobre simplicidade, solidão, adeuses e choro para levar o leitor a (re)pensar na explosão de sentimentos que estavam sendo vividos naquela

época e sobre como questões de sangue e lágrimas tinham a necessidade de ser compreendidas, mesmo diante da tristeza de um conflito tão gravoso.

Nos próximos versos escolhidos, vemos comparações do homem pensante, cheio de feitos e sem liberdade, com os animais adormecidos, sem lembranças históricas, sem compromissos e livres (MEIRELES, 2001, p. 718):

Porque havia nas úmidas paragens
animais adormecidos, com o mesmo mistério humano:
grandes como pórticos, suaves como veludo,
mas sem lembranças históricas,
sem compromissos de viver.
[...]

Ah! o despertar dos animais no vasto campo!
Este sair do sono, este continuar da vida!
O caminho que vai das pastagens etéreas da noite
ao claro dia da humana vassalagem!

Nesse trecho, acreditamos que as “úmidas paragens” já nos revelam simbolismo, pois podem fazer referência a uma vivência fria e, aparentemente, sem movimentos ou sem aparente solução, estagnada e à espera de algo melhor – situação aflitiva, esta, presente no momento abordado neste artigo.

Temos, ainda, a já mencionada comparação de animais ao ser humano. Eles possuíam algo oculto e comum aos homens, que se revela contrastante e, até certo ponto, intrigante. Afinal, o lirismo indica que, embora os animais tenham uma estrutura monumental, como “pórticos”, abrigam suavidade, como “veludo” - um mistério que convida o receptor a fazer apreciações diversas sobre o papel do homem naquela sociedade.

Outro ponto que nos chama a atenção é o simbolismo empregado ao sono. Ele aparece como uma oportunidade de o ser se ausentar da realidade. Uma exceção, que põe a vida normal em suspensão e possibilita a liberdade e o adentrar em um espaço onírico, no qual os homens se veem, no etéreo, sem maiores compromissos e permanecem no torpor dos sentidos e na quietude. Nesse momento, o despertar para o “vasto campo” ganha o *status* de entendimento e a voz poética passa a noção de suspirar por querer sair do sono e da anestesia de sentidos. Deseja prosseguir a vida, a despeito dos pesares de uma Guerra.

A nosso ver, a realidade foi desenhada em “Noturno - Oito” como uma forma de dependência e dura subordinação dos homens aos eventos experimentados – que, ao mesmo tempo, os sujeitavam aos fatos, os tornavam inseguros diante do futuro, mas exigiam a compreensão dos eventos e sentimentos.

Diante desses dois trabalhos cecilianos, temos exemplos de subjetividade e identidade de escrita nacionais, com a reverberação da realidade. As vozes poéticas, mesmo distintas, abordaram sentimentos, anseios e problemas presentes nos acontecimentos do período pós-guerra, com toques de delicadeza e simbolismos.

4 Considerações finais

Cecília Meireles fez parte da segunda geração de autores do Modernismo brasileiro.

Em 1945 e 1952, publicou os livros *Mar Absoluto* e *Doze Noturnos da Holanda*, respectivamente, em que foram abordados assuntos atinentes aos sentimentos e realidades experimentados no período pós-segunda guerra.

Neste artigo, fizemos algumas reflexões sobre dois poemas de tais obras: “Desejo de Regresso” e “Noturno – Oito”, os quais retratam os medos e anseios advindos dessa fase.

Vimos que Cecília contribuiu com esses poemas, pois há neles uma grande facilidade em se expressar pensamentos e questionamentos acerca da realidade pós-guerra, como dores, inseguranças e incertezas. Há, também, simbolismos como alusões a campos, animais, sono e exílio, que nos instigam a pensar sobre como uma guerra pode atingir um povo e pode tocar em tantos problemas, bem como gerar tantas impressões.

No Brasil, o movimento da segunda geração modernista é muito importante para a Literatura, já que a escrita sofreu mudanças de perspectivas. A realidade, que antes era ilusória e fora dos nossos padrões, tornou-se concreta, verificável, regional e tema corrente nos trabalhos literários.

Nos dois poemas escolhidos, percebemos que os lirismos não imitam os modelos europeus, embora Cecília tivesse condições de dialogar com a Literatura estrangeira. Há uma apropriação de ideias, que ecoaram em nosso país (a Guerra Mundial), mas sob o olhar de uma escritora brasileira e consciente do movimento de que fazia parte.

Diante disso, falar sobre o período pós-guerra, do ponto de vista de uma brasileira, como Meireles, é dialogar com o nosso regionalismo sobre os problemas mundiais e nacionais, conforme a realidade, sem deixar de lado toques de delicadeza, espiritualidade e simbolismos cecilianos.

Referências

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 43. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

CANDIDO, Antônio. *Literatura e Sociedade*. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006. Disponível em: <<http://www2.unifap.br/marcospaulo/files/2013/05/candido011.pdf>>. Acesso em: 05 jun. 2016.

CRISTÓVÃO, Fernando. “A alquimia poética de Metal rosicler”. In.: _____ GOUVÊA, Leila V.B. *Ensaio sobre Cecília Meireles*. São Paulo: Humanitas: Fapesp, 2007.

FARIA, Daniel. “Realidade e consciência nacional. O Sentido político do modernismo”, *História*, São Paulo, volume 26, número 2, p. 385-405, 2007. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/7903/1/ARTIGO_RealidadeConscienciaNacional.pdf> Acesso em: 05 jun. 2016.

MEIRELES, Cecília. *Antologia poética*. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

MEIRELES, Cecília. *Doze Noturnos da Holanda & O Aeronauta*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

SCARDINO, Rafaela. “Para além dos desígnios do dia: análise de ‘Doze noturnos de Holanda’, de Cecília Meireles”, *Revista Semestral do Programa de Pós-graduação em Letras-UFES*, Espírito Santo, p. 289-307, 2011/2. Disponível em:<<http://periodicos.ufes.br/contexto/article/view/6536/4780>> Acesso em: 27 ago. 2016.

Anexos

Anexo A

Desejo de regresso

Deixai-me nascer de novo,
nunca mais em terra estranha,
mas no meio do meu povo,
com meu céu, minha montanha,
meu mar e minha família.

E que na minha memória
fique esta vida bem viva,
para contar minha história
de mendiga e de cativa
e meus suspiros de exílio.

Porque há doçura e beleza
na amargura atravessada,
e eu quero memória acesa
depois da angústia apagada.
Com que afeição me remiro!

Marinheiro de regresso
com seu barco posto a fundo,
às vezes quase me esqueço
que foi verdade este mundo.
(Ou talvez fosse mentira...)

MEIRELES, Cecília. *Antologia poética*. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

Anexo B

Noturno - Oito

Quem tem coragem de perguntar, na noite imensa?
E que valem as árvores, as casas, a chuva, o pequeno transeunte?

Que vale o pensamento humano,
esforçado e vencido,
na turbulência das horas?

Que valem a conversa apenas murmurada,
a erma ternura, os delicados adeuses?

Que valem as pálpebras da tímida esperança,
orvalhadas de trêmulo sal?

O sangue e a lágrima são pequenos cristais sutis,
no profundo diagrama.

E o homem tão inutilmente pensante e pensado
só tem a tristeza para distingui-lo.

Porque havia nas úmidas paragens
animais adormecidos, com o mesmo mistério humano:
grandes como pórticos, suaves como veludo,
mas sem lembranças históricas,
sem compromissos de viver.

Grandes animais sem passado, sem antecedentes,
puros e límpidos,
apenas com o peso do trabalho em seus poderosos flancos
e noções de água e de primavera nas tranquilas narinas
e na seda longa das crinas desfraldadas.

Mas a noite desmanchava-se no oriente,
cheia de flores amarelas e vermelhas.
E os cavalos erguiam, entre mil sonhos vacilantes,
erguiam no ar a vigorosa cabeça,
e começavam a puxar as imensas rodas do dia.

Ah! o despertar dos animais no vasto campo!
Este sair do sono, este continuar da vida!
O caminho que vai das pastagens etéreas da noite
ao claro dia da humana vassalagem!

MEIRELES, Cecília. *Doze Noturnos da Holanda & O Aeronauta*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.